



Inez Viana, sozinha no palco, dá voz ao espetáculo "A Mulher que Escreveu a Bíblia", de Guilherme Piva



O diretor Moacyr Góes utiliza máscaras de "Commedia Dell'Arte" em "O Silêncio dos Amantes"

“Fiquei boquiaberto com o espetáculo

Sempre que se sai da página escrita para qualquer outra situação, seja a tela, o palco, o audiobook, inevitavelmente há no autor uma sensação de estranheza, que às vezes é gratificante, não é necessariamente desagradável. A premissa básica é reconhecer que a pessoa que está adaptando tem total liberdade. O escritor não tem nada que interferir, a menos que eles queiram esclarecer dúvidas técnicas. É outro processo de criação, com outra forma de sentir, outras ferramentas. O Jorge Amado dizia que ao ceder os direitos de uma obra para televisão ou cinema esquecia que era o autor, e é o que se deve fazer. O que vai aparecer na tela é outra visão do que eu faço, e o resultado dessa visão está aberto a várias possibilidades.

No caso de *A Mulher que Escreveu a Bíblia*, eu fiquei boquiaberto. A moça que adaptou (Thereza Falcão) captou a emoção dessa história de uma tal maneira, se emocionou com os personagens de tal forma que o espetáculo adquire vida própria.

Até hoje não me lembro de alguma adaptação da qual não tenha gostado. Posso ter gostado menos de algumas, mas sempre fiquei contente que uma pessoa tenha partilhado sua visão do meu trabalho. E no teatro é tudo diferente, porque ele permite uma empatia muito maior, uma vivência emocional muito mais intensa. Teatro é mais difícil de se fazer, é difícil de montar, as pessoas têm de ir, ao passo que filme se vê em locadoras, se interrompe e começa de novo, mas o contato direto ali com a peça não tem comparação, é uma experiência até terapêutica. Vi a peça no Rio e fiquei maravilhado.

Literatura no palco

Adaptações teatrais de obras de Lya Luft e Moacyr Scliar estão no Em Cena

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Depois que uma obra ganha o público, o autor é dono de seu texto, mas não de suas leituras. Descobrir essa leitura por meio do trabalho de outro artista é uma experiência de impacto. É o que contam Lya Luft e Moacyr Scliar, que têm livros de sua autoria adaptados para os palcos em espetáculos em cartaz nesta edição do Em Cena: *O Silêncio dos Amantes*, dirigido por Moacyr Góes, e *A Mulher que Escreveu a Bíblia*, de Guilherme Piva.

As duas peças transportam para o palco livros de Scliar e Luft, cada qual a seu modo, confirmando a tendência atual de o teatro se amparar em bons exemplares de ficção em prosa. Hoje e amanhã, o Teatro do Sesc, às 20h, recebe *A Mulher que Escreveu a Bíblia*, adaptado por Thereza Falcão do romance de

Scliar. Com direção de Guilherme Piva, a montagem carioca se sustenta em Inez Viana – sozinha no palco, ela dá voz à protagonista do livro de Scliar: uma mulher que, ao se submeter à terapia de vidas passadas, descobre ter sido a mais feia dentre as esposas de Salomão.

O Teatro CIEE, hoje, amanhã e quarta-feira, às 21h, é o palco de *O Silêncio dos Amantes*. É um espetáculo com uma estrutura episódica: O diretor Moacyr Góes adapta quatro dos 20 contos reunidos no livro lançado por Luft e ano passado: *A Pedra da Bruxa*; *O Anão*; *Um Copo de Lágrimas* e *O que a Gente não Disse* – os quatro textos têm em comum uma reflexão aguda sobre luto e ausência – traduzida por Góes em elementos cênicos inusitados como máscaras e bonecos.

Luft também será tema hoje, às 19h, de um sarau sobre sua obra, no Café da Oca (João Telles, 512). Os dois, Luft e Scliar, explicam nesta página como lidam com a adaptação de suas obras.

“Tiro meu chapéu para Moacyr Góes

Acho que o contato com o Moacyr Góes foi da parte dele, que procurou a minha agente literária, a Lúcia Ritzel, interessado em adaptar o livro. Pesquisei sobre a carreira dele, confirmei que ele é um profissional supertalento, e o resto todo foi feito pela minha agente. Não é uma adaptação de todo o livro, ele pegou quatro contos e os apresentou exatamente como eles estão. Vi na segunda e na terceira temporadas e fiquei fascinada. O cenário é deslumbrante, ele usa na encenação máscaras de *Commedia Dell'Arte*. A música é espetacular, é um piano que toca, e o próprio pianista compôs as músicas. É de uma delicadeza e de um trágico que fiquei impactada.



BANCO DE DADOS

Me lembrou o trabalho que o Luciano Alabarse fez dirigindo a adaptação do Caio Fernando Abreu para o meu *Reunião de Família*. Eu me senti muito feliz e muito honrada, muito gratificada, para usar uma palavra que hoje todo mundo usa. Não assisti a nenhum ensaio, praticamente não trocamos ideias. Eu prefiro assim, é uma outra linguagem. Se eu entrego o meu trabalho a alguém, confio nele, não quero me meter. Eu entrego a obra e não fico cuidando, é outra coisa. Não dá para comparar uma coisa com a outra, é uma outra realidade em cima do meu texto. Não digo que não sinto medo, mas só tenho tido boas surpresas. Sempre foram surpresas muito positivas. Mas sempre tenho um medo, é claro, porque afinal é um trabalho meu que eu faço com imenso cuidado, reescrevo com muito cuidado, sou muito ciumentosa com o meu texto, não deixo ninguém ler antes de ficar pronto. Mas tiro o meu chapéu para o Moacyr Góes.

Chéreau propõe teatro inquisidor

RENATO MENDONÇA

O 16º Porto Alegre Em Cena já tem pelo menos um espetáculo para ficar na história. Na noite de sábado, o francês Patrice Chéreau confirmou a máxima de que o teatro pode ser feito com o mínimo. No palco do Theatro São Pedro, havia Chéreau, três cadeiras e uma mesa. Num ambiente de anti-glamour e de zero tecnologia, ele fez a leitura dramática de *O Grande Inquisidor*, um dos capítulos do livro *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski.

O *Inquisidor* já tinha visitado os palcos do Em Cena em 2008, com direção de outro gigante, Peter Brook. E a possibilidade de contrastar a visão de Chéreau com a de Brook significou uma atração a mais, se já não bastasse a trama instigante que Dostoiévski propõe, em que um severo inquisidor de Sevilha, no século 16, discute o significado de liberdade e autodeterminação com... Jesus Cristo.

Na montagem de Brook, Bruce Myers fazia um

Inquisidor atormentado e dividido. Cristo estava em cena vivido por um ator gaúcho. O público reagia em função da história – o embate entre o religioso e o Mestre (ou, pelo menos, quem deveria ser o mestre do Inquisidor), e o fato de a liberdade ser um fardo pesado demais para o homem.

Na leitura dramática de Chéreau, o envolvimento emocional do público é maior. Pelo fato de acumular o papel do narrador e do Inquisidor, Chéreau potencializa o conflito, ganha margem de manobra para afrontar o público e, logo em seguida, trocar com ele um olhar cúmplice. Se a versão de Brook pedia a resolução do dilema do Inquisidor, a proposta de Chéreau coloca a indignação da plateia em cena e compartilha a dimensão do conflito.

Na disputa entre Brook e Chéreau não há perdedores, e seria redundante dizer que quem ganha é o público. Em uma e outra proposta de *O Grande Inquisidor*, mesmo tão diversas, há pelo menos um ponto em comum: a função do teatro é a de ser um grande inquisidor, é fazer perguntas.



TABEUL VILIAN

Patrice Chéreau e Eva Sopher antes da sessão de *La Douleur*, dirigida pelo francês

A ação vai aos bairros

Não é apenas nos palcos dos teatros da Capital que os espetáculos do 16º Porto Alegre Em Cena estão presentes. Montagens nacionais e regionais estão sendo apresentadas em escolas e centros sociais de diferentes bairros da cidade, com entrada franca, dentro do projeto Descentralização.

A iniciativa busca difundir a cultura e tornar os espetáculos mais acessíveis para toda a população. A opereta *Pé de Pilão* deu início à Descentralização já na abertura do Em Cena – e a programação continua essa semana.



VILIAN CARVALHO, DIVULGAÇÃO

Cena de *O Vendedor de Palavras*

Próximas atrações

> *Automáquina* – hoje, às 12h, no Largo Glênio Peres.

> *Caio Fernando Abreu – Três Monólogos* – no dia 18/09, às 19h30, no CEA (Centro de Educação Ambiental).

> *O Vendedor de Palavras* – no dia 21/09, às 10h30, na Escola Municipal Doutor Liberato Salzano Vieira da Cunha, e às 19h30, na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Gabriel Obino. No dia 19/09, às 15h, na EMEF Presidente Vargas.

> *Alto* – amanhã, às 19h30, na EMEF Senador Alberto Pasqualini.

> *A Mulher que Escreveu a Bíblia* – no dia 17/09, às 19h30, na EMEF Vereador Martim Aranha, e no dia 16/09, às 19h30, na EMEF Vila Montecristo.

> *O Negrinho do Pastoreio* – no dia 20/09, às 11h, no CTG Piquete da Amizade, e às 16h, na Colônia de Pescadores Z5. No dia 19/09, às 11h, na EMEF Professor Anísio Teixeira. Mais informações no site www.poaemcena.com.br.



O Segundo Caderno convidou artistas a trocarem o palco pela plateia e comentar as atrações do Em Cena

Qual o papel do ator?

DIONES CAMARGO

“Vocês querem falar de amor e de sofrimento aqui em cima? Aqui em cima isso não vale nada, porque aqui tudo é mentira! O verdadeiro sofrimento está lá fora, nas ruas.” Foi com esta chicotada que a atriz Paula Zúñiga encerrou o espetáculo *Neva*, na noite do último sábado, sob a respiração suspensa de um público que até bem pouco vinha se divertindo exatamente com esta característica irreal do teatro, e também com a capacidade intrínseca aos atores de transitar de um estado emocional ao outro sem necessariamente sentirem coisa alguma em suas vidas.

Escrito e dirigido por Guillermo Calderón – e interpretado por um trio de atores extraordinários – a dramaturgia impressiona por juntar fatos históricos, materiais colhidos em improvisações e trechos da obra do dramaturgo Anton Tchekhov. *Neva* é de radical coerência em sua proposta: numa caixa montada sobre o palco estão um tapete vermelho, uma cadeira e uma simples estufa – que, aliás, é todo o equipamento de

iluminação da peça e que, conforme é movida no palco, possibilita uma vasta quantidade de informações visuais. Além disso, cenas lembram imagens de peças e fotos do período.

Mas somente quando os uivos da revolução invadem a cena é que vemos os dois tipos de sofrimento – o do teatro e o dos miseráveis – se distinguem. Em determinado momento, Olga Knipper, atriz e viúva de Tchekov, afirma não lembrar o que sentiu quando o escritor morreu. Eles então encenam a morte do dramaturgo, numa espécie de psicodrama que, ao invés de ajudá-la a resgatar os sentimentos recalçados, a atira num prazer egoico por reviver uma situação de alto conteúdo emocional, porém irreal. E é neste jogo entre expressar sentimentos complexos e ser incapaz de sentir algo verdadeiro com a realidade à sua volta que faz de *Neva* uma obra que questiona não apenas o papel do artista na sociedade, mas principalmente o papel da compaixão humana na obra do próprio artista.

Dramaturgo, diretor e escritor



XIMENA ROZAS, DIVULGAÇÃO

Trio de atores extraordinários de *Neva* arrebatou a plateia

Tarde fria, música quente

SIMONE RASSLAN*

“Chove na tarde fria de Porto Alegre”. *Tarde fria sim, mas noite quente no Teatro do Bourbon Country. Falo do show coletivo Sin Fronteras, que reuniu Daniel Drexler, Ana Prada, Marcelo Delacroix e Vitor Ramil na programação do Em Cena.*

E o show começa bem assim mesmo... *Chove na tarde fria de Porto Alegre! Daniel e Ana trazem outros três instrumentistas maravilhosos e competentes: nos teclados (piano, escaleta e acordeão), Danny Lopez; no baixo, Federico Righi, e na percussão, Javier Cardelino. E do lado de cá da fronteira... se é que ela realmente existe, os nossos igualmente competentes Marcelo Corsetti nas guitarras e Giovanni Berti na percussão.*

Show quente onde percebemos de cara a integração, já no set de percussão. Os dois músicos decidi-

ram por instrumentos afins. Salvo o leggero de um lado e a zabumba do outro, que de nenhuma maneira desmentiram a integração. Todos ficam praticamente o show inteiro no palco, um se apropriando da canção do outro, interagindo e fazendo valer o batismo Sin Fronteras. O show teve alguns pontos altos. Um deles com certeza foi a música *Que Horas Não São?*, em que Vitor Ramil dividiu voicais com Ana Prada. Outro foi a dupla Marcelo Delacroix e Ramil num arranjo enxuto de voz e violão para *Ciranda da Lua* (do CD de Marcelo Depois do Raio). Mais um em Peca-dora, na voz de Ana Prada. E ainda Vazio, com Daniel Drexler, que levantou a plateia.

Pra nós, público, fica o pampa e o mundo. “Eu indo ao pampa, e o pampa indo em mim”. Somos todos muito parecidos.

*Cantora e atriz

Data Publicação : 14/09/2009

Caderno :Segundo Caderno

Porto Alegre em cena (selo), O artista na plateia (selo)